



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 08, pp. 49503-49513, August, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.22274.08.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

A INFLUÊNCIA DOS SÍMBOLOS E ARQUÉTIPOS NO MOVIMENTO GRUNGE SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG

*Beatriz Brandão

Clinical Psychologist - Individual Adult, Master's Student in Clinical Psychology at PUC-SP, Av. Rouxinol, 1041 - Moema - SP, Brazil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 28th May, 2021

Received in revised form

14th June, 2021

Accepted 19th July, 2021

Published online 29th August, 2021

Key Words:

Grunge Movement; Analytical Psychology; Carl G. Jung; Seattle; Archetypes.

*Corresponding author: *Beatriz Brandão*,

ABSTRACT

Seeking to identify subsidies of psychology to understand cultural movements, Analytical psychology offers us its fundamental elements for understanding such phenomena. The archetypes and symbols are crucial to understanding cultural movements such as Grunge, which occurred between 1980 and 1990. The archetypal elements and symbols that possibly fueled the music, behavior and even the decline of the movement, give clarity about human behavior and how we see the elements of analytical psychology, in this historical context that contains significant elements for today's society. In seeking to understand the perspective of Grunge with analytical psychology and its elements, this research sets out to investigate what are the possible relationships between them. Based on bibliographic research, delving into various authors both in the area of psychology and in the area of culture and music. It is a topic of great relevance for psychology in order to address the issue in the historical process of the 80s and 90s, Young sought and even today, some still seek their representation through consumption to belong to certain social groups.

Copyright © 2021, *Beatriz Brandão*. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: *Beatriz Brandão, 2021. "A influência dos símbolos e arquétipos no movimento grunge sob a ótica da psicologia analítica de Carl Gustav Jung", International Journal of Development Research, 11, (08), 49503-49513.*

INTRODUCTION

Quando observamos movimentos culturais e musicais, podemos nos questionar quais subsídios à psicologia pode disponibilizar para ter uma amplificação da compreensão do fenômeno cultural. Como ciência a psicologia, nos fornece a compreensão de comportamentos humanos e a mente humana, sendo a música uma arte humana, podemos então, conceber uma percepção mais abrangente de fenômenos musicais e seus elementos. A psicologia nos fornece uma vasta literatura para a investigação dos possíveis fatores estimulantes, elementos psicológicos de um determinado movimento musical e comportamental. A Psicologia Analítica, de Carl G. Jung oferece um de seus elementos fundamentais, para a compreensão de tais fenômenos. O conceito de arquétipo é fundamental para a Psicologia Analítica, visto que, segundo Jung, os arquétipos, são camadas da memória herdada e constituem a totalidade da experiência humana. Por isso devemos ressaltar mais uma vez que os arquétipos são determinados apenas quanto à forma e não quanto ao conteúdo, e no primeiro caso, de um modo muito limitado. Uma imagem primordial só pode ser determinada quanto ao seu conteúdo, no caso de tornar-se consciente e, portanto preenchida com o material da experiência consciente (JUNG, 2000, p.91). Os arquétipos estão presentes na psique, antes mesmo do pensamento consciente, por isso, tem um impacto considerável sobre a nossa percepção das experiências. Segundo Jung, muito do que consideramos ser um pensamento

consciente, foi na realidade, orientado pela atividade inconsciente, sobretudo pelas figuras organizadoras dos arquétipos. Quando nós ouvimos música, e isto, de uma forma geral, temos alguns efeitos tanto corporais quanto mentais. Para Simon Frith, a música contribui com função de construir o senso de identidade, através da experiência que a música nos oferece. Os estímulos provocados pela a música sejam eles corporais ou mentais, são independentes da razão, ou seja, do consciente do indivíduo. Visto que para Jung, o arquétipo quando é ativado em um indivíduo, "surge uma compulsão que se impõem a modo de uma reação instintiva contra toda a razão e vontade." (JUNG, 2000, p 92). Visto isto, identificamos que a música nos afeta emocionalmente, tem significativa contribuição na vida social e ainda na expressão sentimental humana, podemos realizar amplificações psicológicas a cerca desta ideia. Quando nos deparamos com o Movimento Grunge e seu contexto musical, podemos nos questionar como a psicologia, poderia contribuir para, talvez, compreender o este movimento cultural e musical teve seu desenvolvimento e significado na sociedade. O Grunge teve sua exposição mundial, de forma midiática, com o álbum *Nervemind*, lançado 1991, pela a banda Nirvana. Porém, este teve seu início segundo Henderson (2010), muito antes da década de 90, na cidade americana de Seattle, localizada no estado norte-americano de Washington. Com os lançamentos de álbuns independentes no ano de 1983, segundo Jonathan Poneman (1996), fundador da gravadora Sub Pop, as bandas de Seattle haviam dado o início do que, posteriormente seria

intitulado de Grunge. O termo Grunge discute-se que provenha de uma pronúncia relaxada da palavra "grungy" (jargão usado em inglês que quer dizer "sujo"), para Shuker (1999) o termo grunge, refere-se a uma invenção de marketing usada para classificar um "produto sonoro". Este movimento cultural, denominado grunge, teve influências de diversas vertentes do gênero musical Rock, este sendo, um gênero que teve seu início em 1950. Vertentes como o heavy metal, hardcore e punk foram influências no nascimento do som grunge. Com o decorrer das formações de bandas, a Sub Pop, gravadora independente de Seattle, deu a oportunidade para diversas bandas para gravarem seus álbuns musicais. No início da década de 1990, o Grunge e Seattle teve sua exposição midiática para todo o país, e posteriormente mundialmente, gerando a comercialização e o consumo elevado do chamado som de Seattle. Com o lançamento de Nerve Mind, do Nirvana, Seattle e o Grunge abriram-se para o mundo e muitos países tinham aderido à moda, música e estilo de vida grunge. Porém, o aumento de consumismo relacionado ao grunge e a música, gerou desconforto para os músicos e para a população de Seattle. "Eram as nossas coisas que, de repente, pertenciam a pessoas com quem você nunca pensou em compartilhar suas músicas. Como os periódicos mainstream e revistas. Você percebe que tem muitas pessoas ganhando dinheiro vendendo a ideia da cena de Seattle, grunge ou sei lá o que for. Mas é isso que torna a cultura pop tão significativa para os consumidores.", sentencia Kim Thayil, guitarrista do Soudgarden (PRAY, 1996). Muitos fatores foram divulgados como motivadores do declínio e término do movimento. Porém, não há definitivamente um fator que seja considerado principal para que este movimento tenha despolarizado. Um movimento que teve adesão mundial. Pessoas de diferentes culturas, idades, contextos sociais e principalmente um movimento que ainda traz consigo reflexões, uma forte carga emocional e muitos elementos que geram dúvidas na compreensão do comportamento humano e sua psique. O objetivo deste documento é investigar quais são as possíveis relações da psicologia analítica de Carl G. Jung, referente aos símbolos e os arquétipos, para compreender o movimento cultural grunge, que ocorreu nos Estados Unidos.

Pesquisa científica: Buscando informações precisas sobre o movimento grunge e todos os aspectos que foram relevantes ao mesmo, esta pesquisa contou com uma investigação profunda a todo o contexto social, histórico e econômico do país de onde se originou o movimento. Devido à dificuldade de documentos acadêmicos sobre o movimento grunge, foi necessário a busca através de revistas, documentários, entrevistas e livros biográficos dos personagens do movimento. Foi utilizado como base o livro: Grunge Seattle de HENDERSON, J. (2010). Onde foi possível verificar fragmentos e detalhes específicos do movimento que aconteceu no final da década de 1980 e início da década de 1990. Visto isto, a pesquisa também abrangeu temas importantes da época como a definição das gerações e os Yuppies. Para contextualizar de forma assertiva o modelo de sociedade da época. Após este, foi investigado as literaturas de Carl Gustav Jung, afim de profetizar uma visão psicológica do movimento grunge. Onde se deu a necessidade de revisão da bibliografia do mesmo e assim uma melhor compreensão da teoria da psicologia analítica. Contando com diversos outros autores para investigar quais possíveis arquétipos poderiam se aderentes ao perfil do movimento grunge.

Organização do texto: Este documento está dividido em 4 capítulos, onde no primeiro capítulo é relatado sobre o movimento grunge e sua origem. Segundo capítulo, constitui de uma revisão bibliográfica de Carl Gustav Jung e a psicologia analítica. Terceiro capítulo, refere-se ao arquétipo, símbolo e inconsciente coletivo, de acordo com a psicologia analítica. O quarto capítulo propõe uma relação entre os arquétipos e símbolos que possivelmente apresentam-se no movimento grunge. Por fim, as considerações finais e a conclusão deste trabalho.

Capítulo I O Movimento Grunge: Para os sociólogos Gilmar Mauro e Luiz Pericás (2001), os movimentos sociais, tem como a representação uma sociedade com organização, que se utiliza de uma ação transformadora. Referente ao contexto histórico específico, para

conflitar as condições políticas e sociais. Os movimentos sociais, não ocorrem por acaso carregam em si um antecessor, ou seja, um período e um contexto histórico que aciona os estímulos para que ele emergja de grupos. O movimento Grunge teve o seu início no decorrer da década de 80, sua explosão midiática na década de 1990. Quando vamos investigar um fenômeno cultural, como o Grunge, se faz necessário compreender o contexto histórico no qual teve a origem do mesmo, por isso, iremos relatar uma breve revisão de alguns pontos históricos e sociais da década de 1980, para assim, buscar compreender de forma ampla o sentido do movimento grunge e a sua representação na sociedade.

Década de 1980: Consumo e Yuppies: Segundo Sílvia Anaz (2001), a década de 1980 teve um contexto social caracterizado por políticas conservadoras. Decorrentes do governo do ex-ator Ronald Reagan, o 40º presidente dos Estados Unidos e, de Margaret Thatcher, como primeira-ministra do Reino Unido, ambos se mantiveram nos governos durante um extenso período da década de 1980. Anaz (2001), ainda cita o contexto histórico e social dos Estados Unidos nesta década como ultra liberalismo econômico e, ainda, o avanço moralista ao consumo de drogas e o comportamento sexual liberal. Neste período, temos como característica histórica a intensificação da Guerra Fria, entre os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Levando ao fim o modelo socialista soviético no final da década. Segundo Mendes e Haye (2003), embora a década de 1980 foi um período também caracterizado por um declínio econômico, distúrbios políticos e fragmentação social, este período teve o seu ponto otimista em relação ao consumo. Barbosa (2008) diz que o consumo é um fenômeno cultural, e teve o interesse despertada de forma generalizada na década de 1980, levando às críticas e discussões sobre o consumo e o capitalismo que tomou força na sociedade nos anos 80, após a Guerra Fria.

Com a crise econômica instalada, paradoxalmente, nesta mesma década, tivemos um grupo de jovens que apresentavam um comportamento consumista e extremante capitalista; os Yuppies. De acordo com Sabino (2006), alguns estudiosos relatam que o termo "Yuppie"¹ provem da expressão do inglês "Young Upwardly mobile Professional" ou "Urban Professionals Persons", que significa jovens profissionais urbanos. Os Yuppies surgiram durante a década de 1980, nos Estados Unidos e concebia de jovens entre 20 a 40 anos de idade, onde estavam formados ou recém-formados em universidades, geralmente envolvidos no mercado financeiro ou bolsa de valores e tinham um padrão extremamente consumista. Para Sabino (2006), os Yuppies ainda possuíam um comportamento, além de consumista e capitalista, individualista. Trabalhavam com a finalidade de conquistar o subsídio necessário para consumir o que era desejado. Foi considerado o ápice da ambição, devido manter a postura incansável diante do trabalho, apesar, de conquistarem bons salários. Segundo Moutinho (2005), os Yuppies têm a realidade social engajada no capitalismo e na conquista do status social. Com o trabalho excessivo para consumir produtos que apresentavam sinônimos de riqueza e poder na década de 1980. O comportamento dos Yuppies marcou esta década, devido ao auge do capitalismo e do consumo exagerado da população americana. Os Yuppies era a nova moda dos anos 80, se espalhando pelos Estados Unidos e pelo mundo, a imagem pessoal era de extrema importância para estes jovens consumistas, diferentemente do grupo de jovens da cidade norte americana Seattle, que usavam roupas de brechós e criticavam o consumo e o capitalismo.

A Geração X e o Grunge

Buscando informações sobre o Movimento Grunge, nos deparamos com diversos relatos sobre o Grunge e chamada Geração X. De acordo com Anthony De Curtis (2009), crítico da revista Rolling Stone, Kurt Cobain e o grunge eram o signo da Geração X e por isto quando se refere a esta nomenclatura, existe uma relação com o movimento grunge e Kurt Cobain.

¹ Entende-se que os Yuppies nos anos 80 eram os modelos de jovens de sucesso e sinônimo de felicidade, onde a mídia emplacava de forma inexorável tal visão dos mesmos.

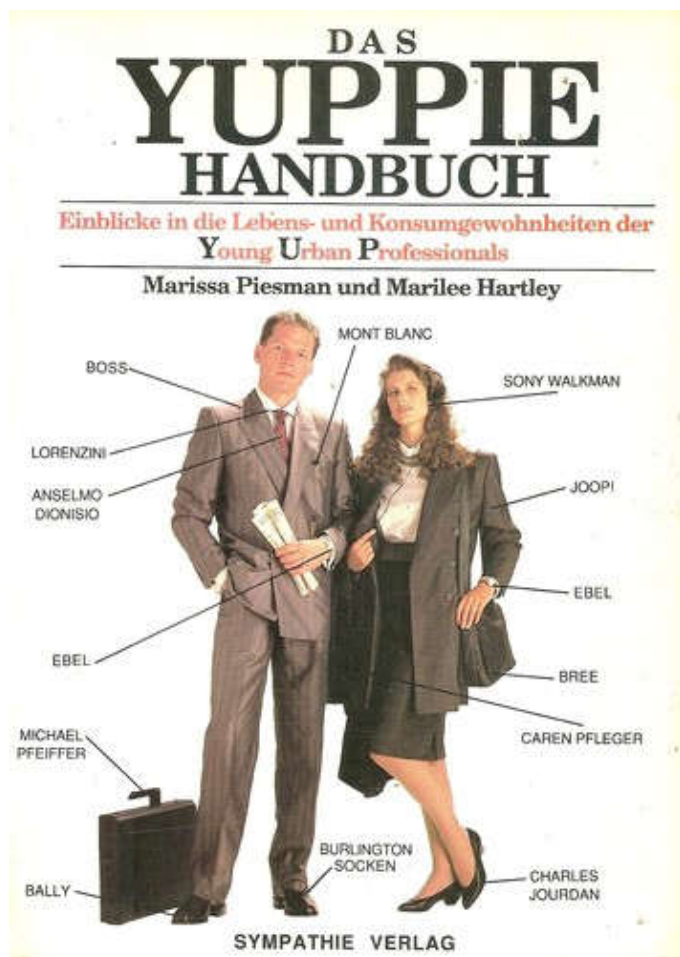


Figura 1. Representação dos Yuppies

Fonte: Fashion Bubbles (2009)

Lancaster e Stillman (2011) caracterizam estas gerações por períodos de nascimentos e detêm entre elas denominações que são discutidas por diversos autores deste tema. Segundo a caracterização de Lancaster e Stillman (2011), a geração tradicionalista ocorre no período de nascidos antes de 1946, à geração baby boomer's ocorre entre os nascidos de 1946 até 1964, a geração x por sua vez, é determinada pelos nascidos no período de 1965 até 1981, posteriormente a esta geração, temos a chamada geração y, que constitui de nascidos entre 1982 até 2000. Este conceito escrito por Lancaster e Stillman (2011), identifica que os tradicionalistas nascidos antes de 1946, são conhecidos como veteranos, ou ainda a geração “Belle Epoque”, que recebe este nome devido a sua presença nas artes e na literatura. Devido ao contexto histórico, acontecimentos e cultura esta geração teve como sua principal idealização o trabalho duro. Onde é necessário trabalhar muito para ter conquistas modestas. O sustento da família era necessidade fundamental, atividades ligadas ao prazer individual ou ainda, lazer, eram consideradas secundárias. Segundo Oliveira (2009), os jovens desta geração, diante de uma aproximação da Segunda Guerra Mundial, tinham poucas opções para o seu desenvolvimento, dentro disto, as melhores opções eram o serviço militar ou trabalho nas indústrias. Esta geração considerava o padrão familiar, quase que uniforme, onde o pai era o detentor e provedor, a mãe por sua vez, tinha a tarefa de cuidar dos filhos e de sua educação. Os filhos tinham a obrigação de se voltar para os estudos, afim, de ter condições melhores para as futuras gerações. Lancaster e Stillman (2011) ainda descrevem sobre esta geração, qualidades que provinham de seu contexto social e histórico. Estas qualidades eram praticidade, dedicação, hierarquias rígidas, fidelidade e o tempo em que ficavam em empresas, devido a visão de o sacrifício vir primeiro do que o prazer. Posteriormente, a esta geração tradicionalista, temos os Baby's Boomer's. O nome desta geração teve como inspiração os lançamentos de bombas atômicas que finalizaram a Segunda Guerra Mundial.

Para Lancaster e Stillman (2011) o mundo se via diante de uma nova esperança e a necessidade de reconstrução de países e economia se fazia urgentes. Esta geração teve a oportunidade de ter seu contexto em uma relativa prosperidade e segurança, desenvolvendo suas opiniões nas décadas de 1960 e 1970. Oliveira (2009) descreve que esta geração não se curvou diante do comportamento herdado dos tradicionalistas, e então, teve suas expressões contraditórias à submissão consolidadas na música e em expressões artísticas. Ainda estava por vir uma das manifestações revolucionárias da época: o nascimento do Rock n' Roll. Diferenciando-se da geração anterior, a geração dos Baby's Boomer's teve a sua busca por promoções em seus trabalhos, salários melhores e carreira profissional, porém, dedicavam o exercício do trabalho por extensas horas, com lealdade e disciplina, esta geração acreditava que teriam condições melhores para suas carreiras profissionais. Oliveira (2009), ainda atribui a esta geração qualidades características como competitividade, bom relacionamento, orientação por resultados, diplomacia e forte ética no trabalho. Jay Conger (1998) descreve a Geração X de uma forma peculiar, atribui a esta geração outros nomes como “slackers” (preguiçosos) ou “geração MTV”. Os integrantes desta geração foram considerados, segundo Conger, um grupo de niilistas desmotivados e céticos. A geração X se distancia dos Baby's boomer's por suas características aderidas conforme o contexto histórico. Para a geração X, a busca do equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal é fundamental. Ainda, são considerados como independentes e conseguiram dominar a informática e a tecnologia. Para começar, os integrantes da geração X, na maioria, vêm de lares onde ambos os pais trabalhavam fora. Para começar, os integrantes da geração X, na maioria, vêm de lares onde ambos os pais trabalhavam fora. De fato, a porcentagem de mulheres que trabalhavam fora e tinham filhos com menos de seis anos cresceu de 18,6% em 1960 para 59,5% em 1992. Os integrantes da geração X beneficiavam-se da renda familiar extra, mas sentiam-se privados de companhia do pai, uma situação que se tornava ainda mais grave pelo fato de que uma porcentagem muita alta deles eram filhos de pais divorciados (Conger, 1998, p. 134).

Segundo Conger (1998), durante os anos de crescimento, ou seja, a infância e a adolescência desta geração, que as taxas de divórcios tiveram um aumento significativo entre 1965 e 1977. Um dos elementos para a causa deste aumento significativo nos divórcios dava-se as mães terem sua própria rendas, conseqüentemente, não havia uma preocupação com a situação econômica que poderia vir com a situação do divórcio. Segundo Conger “Em conseqüência, por voltados 16 anos, mais de 40% dessa geração morava com apenas um dos pais.” (Conger, 1998, p. 134). Segundo Oliveira (2009), esta geração, ainda presenciou eventos como a Guerra Fria, a queda do Muro de Berlim, o diagnóstico da AIDS (HIV), escândalos políticos, diante da televisão. Os integrantes desta geração obtiveram uma visão diferenciada da geração anterior, abria-se a oportunidade de questionar sobre qualidade de vida, ter questionamentos sobre o mundo empresarial e a lealdade e disciplina que a geração anterior demonstrou. De acordo com Conger (1998), a geração X teve o fardo de ver seu contexto social alienado pelo consumismo desenfreado, a nova estrutura familiar e a chegada de novas responsabilidades. Quando se pensa em Geração X, pensamos em uma geração que teve a ruptura com os valores e ideologias das gerações anteriores². Visto isto, compreendemos que o movimento grunge, provém desta geração, chamada de Geração X, onde o contexto histórico, social, cultural e a estruturação familiar tiveram grandes pressões na formação dos integrantes do movimento.

A origem do Grunge: Seattle é uma cidade americana, que fica localizada na região Noroeste, no estado norte-americano de Washington, uma cidade portuária foi fundada em 1869. A cidade recebeu este nome devido a uma homenagem ao líder indígena Chefe Seattle. Em 1992, André Barcinski relatou Seattle como “o mapa da mina”, ou ainda, como o berço da renovação do Rock Americano. Segundo Barcinski (1992), Seattle é uma das cidades com maior

² É possível verificar a geração X como uma geração que vem de valores dissolvidos, diante de uma nova realidade na qual não haviam suportes para esta transição e conseqüentemente, ressignificação dos indivíduos.

índice pluviométrico dos Estados Unidos, por este motivo, é conhecida como uma cidade em que chove constantemente, isto é, média de 200 dias no ano, possuindo assim um índice pluviométrico de c. 92 cm/ano. Barcinski (1992) descreve Seattle ainda como tediosa e sonolenta e uma cidade onde não disponibiliza de atrações e atividades para os jovens. Uma cidade pequena e isolada, com jovens que ansiavam por alguma atividade para se relacionar, interagir, distrair e se expressar. Estas descrições da cidade norte americana, foram feitas no ano de 1992, atualmente Seattle é visto como um grande centro urbano onde empresas como a Microsoft estão localizadas. Michael Azerrad (1992) descreve a cidade de Seattle: *"Nos últimos seis anos, Seattle deixou de ser um meio musical pequeno, mas vibrante, para se tornar uma meca do Rock"*. Azerrad ainda descreve que o fenômeno musical que ocorreu em Seattle, não teria sido possível sem a rede de rádios estudantis, os fanzines e os distribuidores independentes. Seattle neste período possuía leis de repressão ao consumo de bebidas alcoólicas e a música ao vivo, porém, as gravações de discos tinham um baixo custo. Em meados da década de 1980, na cidade de Seattle as estações de rádio KCMU e KJET foram importantes para o início do grunge, pois estas deram apoio as bandas locais.

De fato, do cenário musical dos anos 80, principalmente no gênero rock, não estava agradando aos jovens desta pequena parte do país. Segundo Michael Azerrad (1992) os jovens de Seattle estavam inconformados com o Rock que estava em alta durante a década de 1980. Para eles, as bandas tinham um visual comercial e consumista. As músicas das bandas de sucesso, para os jovens desta cidade e regiões não representavam algo que expressasse de forma verdadeiro mas, sim, radiofônicos e comerciais. Visto essas condições, os jovens começam a tocar despreziosamente em suas garagens e porões. Bandas que tinham como influência o punk rock, heavy metal, hardcore e hard rock. Muitos jovens acabavam misturando essas influências e construindo um novo tipo de som. O lema do punk *"do it yourself"* (faça você mesmo) tornou-se um hino para estes jovens que se empenhavam cada vez mais em suas bandas, pequenos shows e gravações. Com muita liberdade, esses jovens produziam fanzines, selos e suas próprias músicas. Para Azerrad (1992) esse processo foi realizado despreziosamente e com muita liberdade, dentro esse contexto surgiu seminiais como Poploma, K, C/Z e Sub Pop. Mark Arm (1992) atribuiu, este início, musical ao que ele considerava de dois "i's": isolamento e interação. Ainda livre das grandes gravadoras, os músicos desta cidade faziam eventos musicais apenas para amigos e conhecidos, alugavam galpões ou garagens onde seriam os shows, convocavam as bandas, montavam seus equipamentos e faziam o evento. O principal público destes eventos eram os músicos das outras bandas que iam participar, ou seja, todos se conheciam em Seattle. A sentença de Scott McCaughey, da banda Young Fresh Fellows no artigo de Michael Azerrad do livro; Cobain: dos Editores da Rolling Stone (1992), descreve bem o clima dos músicos: *"Não é aquela coisa de um derrubar o outro. Todos são amigos de todos. Não é uma coisa de competição."* Além disto, Seattle possuía um prospero ambiente cultural, que ostentava proeminentes museus de arte, uma ópera, uma filarmônica e ainda uma cidade universitária.

No ano de 1986, segundo Azerrad (1992), a C/Z Records, lançou um álbum que era uma coletânea de bandas, este álbum foi chamado de Deep Six, com canções das bandas Green River, Soundgarden, The Melvins, Skin Yard, Malfunkshun e U-Men. Este talvez fosse o início do que seria posteriormente chamado de Grunge. Neste meio caritativo e artístico, dois homens criaram um selo independente, que posteriormente seria conhecido mundialmente. Jon Poneman e Bruce Pavitt foram os fundadores da SUB POP, uma gravadora independente de Seattle que seria a porta de entrada para muitas bandas do movimento grunge. Na cidade de Olympia, Pavitt escreveu, segundo Azerrad (1992), no início dos anos 80, um fanzine chamado SUB POP em forma de fita cassete, começou então a lançar canções musicais. Após lançar 9 fanzines e 3 fitas cassetes, Bruce Pavitt mudou-se para a cidade de Seattle, então ao se deparar com o movimento musical da cidade, Pavitt reuniu algumas bandas para o lançamento do Sub Pop 100, este que seria o primeiro disco da Sub Pop. Ao se deparar com dificuldades financeiras, Pavitt recorre ao seu

amigo Kim Thayil, guitarrista da banda Soundgarden, que lhe apresenta Jon Poneman. Neste período Poneman era DJ da rádio local de Seattle a KCMU, por ter um emprego e renda, Poneman iria usar deste uma parte para a gravação do álbum da banda Soundgarden. Posteriormente juntos e com a Sub Pop fundada, Pavitt e Poneman lançaram os dois álbuns *"Dry As A Bone"* do Green River, no ano de 1987 e *"Screaming Life"* do Soundgarden em outubro daquele ano.

Segundo ainda Azerrad (1992), o ano de 1988 foi onde as bandas de cidades vizinhas estavam se mudando para Seattle para conquistar o seu álbum. Cidades como Aberdeen, Olympia e Tacoma. Quando o final de 1988 chegou, a Sub pop havia gravado bandas como TAD, Mudhoney, Nirvana, Soundgarden e Blood Circus, Beat Happening, The Fluid. Charles Peterson, foi o fotógrafo oficial da Sub pop, onde registou bandas como Nirvana, Mudhoney, Soundgarden. O que deu forma e imagem ao movimento musical que estava acontecendo. Segundo Henderson (2010), as letras das bandas que surgiam, carregaram em notas pesadas angústia, depressão, apatia, críticas sociais, críticas políticas, críticas a alienação social, crítica a exclusão social. Dor e tristeza eram expressadas nos versos das canções que tinham uma mistura de sons agressivos do punk, com instrumentação complexa do heavy metal. Porém, as bandas de Seattle e posteriormente chamadas de bandas grunges, não possuem características semelhantes entre si, cada banda, apesar de ter tido a origem no mesmo meio, possuem características próprias, impossibilitando de concluir que estas são todas iguais e partem da mesma fonte de melodia ou composição musical. O clima das bandas de Seattle era incestuoso, para Azerrad (1992) as bandas eram formadas e desformadas com os mesmos integrantes. Ao decorrer da história do Grunge, fica complexo entender as formações das bandas devido as trocas de músicos, ou ainda, participações em canções. Chris Cornell, por exemplo foi vocalista de 4 bandas (Soundgarden, Temple Of The Dog, M.A.C.C., Audioslave). Mark Arm, por sua vez fez parte do Green River e após Mudhoney. Não havia competições, o sentimento girava em torno da coletividade, pois o principal objetivo era expressar através da música e de alguma forma manter os amigos próximos e com uma diversão, já que Seattle não dispunha de clima agradável e atividades culturais.

Conhecendo os Grunges: Featherstone (1997) conclui que após a modernidade, a criação de grupos segmentados, que são formados por a identificação de sentimentos, ideologias, opiniões, contextos sociais e culturais, são vistas como tribos. Além disto, Maffesoli (1998), a existência de grupos sociais específicos, gerou a necessidade e o sentimento de pertencimento, de acolhimento, troca de experiências com indivíduos semelhantes. Com isto, a sociedade construiu uma grande ramificação de grupos sociais, estilos e ideologias. Maffesoli (1998) ainda afirma que a relação de um grupo, irá determinar a vida social do indivíduo. Para Pais e Blass (2004), os indivíduos que tem a interação em um grupo social, ou tribos urbanas, acabam se distanciando de alguns padrões da sociedade como um todo, porém, estes indivíduos não têm propriamente a intenção de isolamento, mas sim a identificação de pequenos grupos que os cercam. Segundo isto, os autores, reforçam a ideia que os indivíduos buscam a identificação em pequenos grupos, e isto, pode caracterizar o indivíduo que se fecha para os demais padrões estabelecidos pela a sociedade. Fromm (1983) diz ainda que no contexto capitalista, o indivíduo moderno aliena suas forças na relação com o trabalho, o consumismo, o governo, outros indivíduos e até consigo mesmo. O considerado fenômeno da alienação da personalidade, para Fromm, constitui-se de uma experiência onde o indivíduo se considera um estranho, ou seja, não se sente parte integrante de um conjunto. Ainda neste pensamento Fromm diz: *"Somos uma sociedade de pessoas com notória infelicidade: solidão, ansiedade, depressão, destruição, dependência; pessoas que ficam felizes quando matam o tempo que foi tão difícil conquistar."*

Observamos que os jovens que fizeram parte da música e do movimento grunge como visto anteriormente, tiveram sua construção na década de 1980, onde o capitalismo e o consumismo eram evidenciados, visto também, o contexto dos Yuppies e sua ideologia de imagem e consumismo. O perfil grunge surge como um contra

ponto, ou ainda, outra polaridade dos Yuppies e a sociedade de consumo da década de 1980, os grunges criticavam o consumismo, capitalismo e a moda. Não possuíam ambições profissionais e tinham uma visão pessimista em relação ao futuro. Remetentes a geração X, também visto anteriormente, estes tinham em comum pais divorciados e os sentimentos gerados por tais mudanças familiares.



Figura 2. Jovens grunges nos anos 1990.

Fonte: O' NEILL, B. (1993).

Investigamos os músicos integrantes de bandas que foram formadas sem Seattle ou em cidades próximas, que foram consideradas grunges e, observamos que estes possuíam características diferentes ao estereótipo dos Yuppies, que eram populares. Cabelos grandes, roupas características, sobre peso, ou ainda, corpos extremamente magros. Um grupo de jovens que não eram pertencentes ao período que viviam, que possuíam em comum diversos pontos que estavam fora dos padrões estabelecidos pela a sociedade da época.³

O mundo conhece o Grunge: No ano de 1988, os fundadores da Sub Pop Records Jon Poneman e Bruce Pavitt, segundo Azerrad (1992) tiveram uma atitude ambiciosa, onde convidaram o repórter Everett True da revista Melody Maker de Londres para conhecer o "Som de Seattle" e ver uma apresentação da banda Mudhoney. O jornalista, escreveu uma matéria positiva sobre esse cenário musical de Seattle e então a gravadora Sub Pop teve a chance de lançar-se para turnês na Europa. Com essa exposição, Seattle e seu cenário musical começaram a chamar atenção fora de sua região. Azerrad (1992) relata ainda, que apesar deste pequeno movimento, a cidade de Seattle começava a ficar conhecida pelo mundo. Bandas de diversos locais dos Estados Unidos se mudavam para Seattle para gravarem seus discos e pertencerem ao movimento musical que estava começando a ganhar forma, fama e espaço. Art Chantry, designer gráfico, responsável por diversas artes e álbuns das bandas de Seattle, declarou: *"O que de fato você vê acontecendo em Seattle, é esse tipo de explosão de uma sub-cultura"*. (Pray, 1996). Segundo Dawn Anderson (1996), houve uma grande procura de todo o país sobre o que estava acontecendo em Seattle. Para Susan Silver (1996), quando houve essa exposição do cenário musical, as bandas tiveram mais oportunidades de gravar suas músicas, de realizarem shows. Houve uma grande quantidade de bandas, de diversos tipos de sons e influências sendo gravadas e associadas a cena musical de Seattle.

Segundo Anderson (1996), após esse período de exposição da cena de Seattle, em 1990 não houve perspectiva que a cena musical se consolidaria, as pessoas da cidade, acreditavam que essa exposição, imigração e procura pela a cidade iriam acabar e suas vidas iriam voltar a ser simples como anteriormente. Em 1990, segundo Barcinski (1994) poucas bandas haviam conseguido contratos musicais com gravadoras grandes. O Soundgarden teve seu contrato assinado com a A&M em 1989, já o Alice in Chains, apesar de haver muita confusão, não foi gravado pela Sub Pop, a banda seguiu seu caminho e em 1987, assinou contrato com a Columbia. A banda Screaming Trees

assinou seu contrato com a Epic. As demais bandas, continuavam no chamado underground. Neste mesmo ano, a DGC records, que já havia assinado com a banda Sonic Youth, assinou contrato com a banda Nirvana, o que segundo Barcinski (1994) mudaria completamente o rumo da música de Seattle e o Grunge. Henderson (2010) descreve sobre o Nirvana. Uma banda originalmente de Aberdeen, o vocalista e guitarrista Kurt Cobain e o baixista Krist Novoselic decidiram formar uma banda, o Nirvana. Quando Kurt Cobain ouviu o álbum do Soundgarden gravado pela a Sub Pop, decidiu que era a hora de mudar para Seattle e gravar seu álbum. Seu amigo Buzz Osbourne, vocalista da banda Melvins, indicou Kurt para a Sub Pop, onde eles gravariam o Bleach em 1989. Jack Endino, da Sub Pop se impressionou com o material do Nirvana. Segundo Chris Mundy (1992), em 1991 com o álbum Nerve Mind, o quinto baterista do Nirvana iria dar o tom que a banda precisava, Dave Grohl (vindo da Scream, banda de hardcore de Washington).

Nerve Mind, e o seu single "Smells Like Teen Spirit", e seu perturbador vídeo clip foi transmitido pela MTV. Onde o cenário é a quadra de escola, as líderes de torcida estão de preto e o símbolo da anarquia em vermelho, no decorrer do clip, há sinais de fogo e fumaça e os estudantes sendo tocados pelo frenesi da música não percebem que estão sendo sufocados. Isso gerou uma exposição nacional e internacional para o Nirvana, rapidamente as vendas do álbum cresceram assustadoramente. Henderson (2010), diz que o Nerve Mind chegou aos limites de venda, sendo que, no natal de 1991 o álbum vendia 400.000 cópias por semana. Para compreender o tamanho do sucesso, em janeiro de 1992, o Nirvana tirou Michael Jackson do topo da Billboard. Michael Azerrad (1994) afirmou que diante de tamanha exposição midiática, as revistas, jornais, canais de televisão estavam impactados com o Nirvana e o cenário musical de Seattle. Com bandas como Alice in Chains que apresentava suas músicas com letras fortemente associadas à morte como em Man in the Box (1990), Soundgarden com a sua crítica à sociedade com Nothing To Say (1990) que não permite a inclusão dos indivíduos. Pearl Jam que lançava seu primeiro álbum "Ten" em 1991, com o tormento de Jeremy, que relata sobre um jovem que comete suicídio diante a sua sala de aula. Segundo Henderson (2010), da mesma forma que a Sub Pop vendeu a cena de Seattle para a Europa, a mídia agora vendia um novo rock. Para Shuker (1999), devido essa explosão, foi necessário a criação de um nome, uma marca de marketing para definir o que estava acontecendo. Acredita-se que o termo "grunge" provem de uma pronúncia relaxada da palavra "grungy". Que significa algo como "sujo", "lixo", "desagradável". Segundo Henderson (2010), Mark Arm (Mudhoney) usou o termo para descrever e criticar a banda Mr. Epp and the Calculations, posteriormente um dos fundadores Bruce Pavitt da Sub Pop, utilizou-se do termo para descrever o som da banda Green River. Porém, não é definido de onde definitivamente surgiu o termo Grunge.

Declínio da popularidade: Com tudo acontecendo e a indústria fonográfica visualizando possíveis novos Nerve Mind's, segundo Henderson (2010), em 1992 a cidade de Seattle possuía possivelmente, mais de 1.000 bandas procurando uma oportunidade de aparecer no mundo da fama da nova vertente do Rock: O Grunge. Nisto a imprensa invadiu a cidade de Seattle, atrás de um novo grupo musical tão rentável quando Nirvana ou Pearl Jam. As bandas estavam se mudando para Seattle, copiando os timbres de Soundgarden para serem identificadas como o "Som de Seattle". Art Chantry (1996), relata sobre uma piada que foi realizada com o jornal New York Times, devido a massiva invasão da mídia na cidade de Seattle e a busca incansável por informações sobre os grunges. O jornal entrou em contato com a Sub Pop, questionando sobre o vocabulário dos grunges e uma funcionária incrédula de tal questão, inventou diversas palavras desta chamada "gíria grunge", onde existiam palavras secretas. O jornal New York Times publicou posteriormente, uma matéria sobre o vocabulário, que realmente nunca havia existido. Nisto, segundo Susan Silver (1996), o ápice do marketing da mídia e a busca da indústria pelo consumo foi no ano de 1992, em dezembro as lojas de departamento do país todo estavam vendendo "grungewear", calças rasgadas, camisas de flanelas, toucas de frio por preços absurdamente altos. Roupas simples de uma cidade

³ Vistos e chamados de "Loser" (Perdedor), estes jovens estavam fadados a sua exclusão, pois, não tinham a aceitação de nenhum grupo social.

fria do Noroeste dos Estados Unidos, muitas vezes compradas em brechós por preços baixos, estavam presentes nas lojas importantes. A moda grunge foi explorada e desfiles de moda, reportagens, marcas com o estilo grunge foram espalhados pelos Estados Unidos e o mundo. Eddie Vedder (1966) relata diante do consumo exagerado do grunge e a cena de Seattle: "É tão rentável, é tão rentável. E eles vão continuar tirando e tirando e tirando...eles apenas não sabem conter a si próprios.". "Mas é isso que faz a cultura pop, ser tão significativa, para todos os pequenos consumidores por aí. Eles não estão interessados em história ou economia, ciências ou artes. Eles estão meio que interessados em fofoca, a natureza da celebridade, e não é de jeito nenhum encorajador descobrir... que você participa desta sociedade. De um jeito ou do outro" sentencia Kim Thayil, guitarrista do Soundgarden (PRAY, 1996). Quando Kurt Cobain foi encontrado morto na sua casa em Seattle, em 8 de abril de 1994, o grunge já havia se esgotado e explorado aos limites. Para Rondeau (1994), o fato do suicídio de Kurt Cobain, não era algo que não se esperasse. Ao que foi divulgado durante o período inteiro do movimento grunge, o uso de drogas era visto com glamour, segundo Azerrad (1994), mas isto não é necessariamente verdade, afinal cada um tem seus próprios motivos. Antes de Kurt Cobain, Andy Wood foi a primeira vítima, integrante da banda Mother Love Bone, teve relatado por Jack Endino (1996), como uma das bandas mais promissoras de Seattle. Para Henderson (2010), quando os jovens formavam suas bandas, eram para expressar suas angústias, frustrações e até mesmo ter algo para fazer, se dedicar. As dores, as frustrações, a angústia, daqueles jovens diante da humilhação social que passavam diariamente e, suas famílias sendo desfragmentadas pela separação de seus pais, a falta de perspectiva de um futuro de sucesso e feliz, só tinha como válvula de escape os acordes selvagens e imprudentes de guitarra e suas vozes berrando letras que expunham o sofrimento que era vivido todos os dias. As bandas surgiram de coisas que estavam veladas e sentimentos que ligavam as pessoas daquela época. Tocar em uma banda e ter dinheiro para sobreviver disso, era o objetivo dos jovens, mas a fama e a comercialização de sua arte nunca foi algo almejado por eles. Simbolicamente, a morte de Kurt Cobain, foi o final da exploração, exposição midiática e produção comercial sobre algo que era muito verdadeiro e legítimo os sentimentos expressados através da música. Embora a morte de Kurt Cobain, foi uma perda irreparável para o mundo da música e para seus fãs. Seattle sempre será lembrada como o berço do Grunge e toda a sua história. Henderson (2010), descreve "Grunge is dead" (O grunge está morto), pois a exploração midiática, o consumo desenfreado de coisas simples como roupas e acessórios que eram usados pelos integrantes das bandas, causaram repulsa pelos mesmos. Afinal, após terem passado sua infância e adolescência sendo excluídos, humilhados e não ouvidos, estavam sendo vendidos para a indústria do capitalismo. Algo que criticavam em suas músicas, estava se alimentando de suas dores e suas imagens. Isso foi demais para todos eles, sendo assim, o grande último movimento do rock se calou com o corpo de Kurt Cobain caído no chão. Porém, como a música é uma fonte de expressão temos atualmente algumas bandas estão fazendo shows e turnês. O Pearl Jam, Mudhoney, Alice in Chains (com nova formação), Soundgarden entre outras.



Figura 3. Soundgarden em Seattle 1992.

Fonte: Charles Perterson (1992).

Capítulo II Carl G. Jung e a psicologia analítica: Psicologia Analítica foi o termo escolhido por Carl Gustav Jung para abarcar todo o seu sistema teórico. Após seus estudos científicos Jung, formulou conceitos básicos para definir a sua teoria e assim formatar a Psicologia Analítica e seus elementos fundamentais, dos quais são passíveis de desenvolvimento e não são limitados. A Psicologia Analítica tem a conexão com os aspectos analisados em si e os fatos. Destacando-se por ser uma teoria que abrange pontos diferenças das demais teorias, onde o autor Jung, não se faz definitivo, sendo assim, abre-se a consciência de que está em constante desenvolvimento e ampliação.

Carl Gustav Jung: De acordo com Silveira (1992) Carl Gustav Jung foi um dos maiores estudiosos do universo da mente humana, tomando a si mesmo como objeto de seu estudo. Estas experiências estão presentes em sua obra "Memórias, Sonhos e Reflexões" (1961). "Minha vida foi singularmente pobre em acontecimentos exteriores. Sobre estes não posso dizer muito, pois se me afiguram ociosos e desprovidos de consistência. Eu só me posso compreender à luz dos acontecimentos interiores. São estes que constituem a peculiaridade de minha vida e é deles que trata minha autobiografia." (JUNG, 2000 p. 35) Carl Gustav Jung, nasceu na data de 26 de julho de 1875, em Kesswil, cantão de Thurgau, Suíça. Filho de Paul Achilles Jung, sua ocupação era pastor da Igreja Reformada da Suíça. Sua mãe tinha a família religiosa parte ortodoxa e parte heterodoxa, com isto, Jung teve uma infância regada à vida marcada pela religião. O que levou a questionar-se sobre a polaridade de religião e ciência durante a sua vida. Em 1902, graduou-se em medicina nas universidades de Basileia e Zurich com especialidade voltada para a Psiquiatria. Jung teve o seu interesse pela psiquiatria pela a pesquisa mais aprofundada acerca das psicoses. Jung tornou-se assistente do seu professor Eugene Bleuler, no Hospital Psiquiátrico de Burghölzli, em Zurich. Continuando seus estudos, no ano de 1902, incentivado pelo seu professor, Jung apresenta a sua tese de doutorado com o tema: "Psicologia e Psicopatologia dos chamados Fenômenos Ocultos". No ano de 1903, Jung casa-se com Emma Rauschenbach. Estes então tiveram ao total de cinco filhos: Agathe, Anna, Franz, Marianne, Emma. Emma Rauschenbach, autorizou com que Jung analisasse em seus estudos da mente humana. Ainda no ano de 1904, Jung auxilia na montagem do Laboratório de Psicopatologia Experimental, começando assim a sua pesquisa baseada nos testes de Associação de Palavras. No ano de 1905, Jung se torna professor de psiquiatria na Universidade de Zurich.

Jung começa a desenhar a psicologia analítica a partir dos conceitos da Psicanálise de Sigmund Freud, onde encontra elementos que considera importantes para seus estudos e pesquisas. Com grande interesse na teoria desenvolvida por Freud, Jung busca por mais informações e então entra em contato com Freud, que por meio de cartas se relaciona com o jovem pesquisador da mente humana. Jung e Freud tiveram um encontro onde é relatado uma conversa que durou 12 horas entre os dois. Demonstrando assim a afinidade das ideias, porém, alguns pontos da psicanálise para Jung não condiziam com a sua forma de compreender a psique humana, fazendo assim um dos maiores e mais relatados rompimentos da história da psicologia. Jung contradiz pontos da psicanálise e inicia as suas pesquisas sem o acompanhamento de Freud. No ano de 1913 o rompimento entre Jung e Freud é formalizado, época esta que ocorria a Primeira Guerra mundial. "Jung era um homem alto, bem construído, robusto. Tinha um vivo sentimento da natureza. Amava todos os animais de sangue quente e sentia-se com eles 'estritamente afim'. Amava as escaladas das montanhas, porém preferia velejar sobre o lago de Zurique. Possuía seu barco próprio. Na mocidade passava às vezes vários dias velejando em companhia de amigos, que se revezavam no leme e na leitura em alta voz da Odisséia. Igualmente velejava sozinho e o fez até idade bastante avançada." (SILVEIRA, 1978: 16). Silveira (1992) relata que este rompimento com Freud causou em Jung angústia e esta, sendo um ponto fundamental para os seus estudos e pesquisas, partindo de pontos distanciados à sexualidade presente na psicanálise de Freud. Jung expõe em sua autobiografia pontos importantes para a compreensão dos caminhos seguidos para a construção da psicologia analítica.

De acordo com Silveira (1992), Jung por muitos anos de sua vida, teve em si o sentimento de deter dentro de si, o que seriam duas personalidades e, a partir disto, propôs a descrever e compreender de forma ampla o que seriam estas personalidades existentes em seu interior. Jung descreve que uma delas era como um ego público, algo que se relaciona com o mundo externo e as relações, a outra como um eu interno, algo que seria secreto, porém, com uma proximidade com o divino, Deus. Esta divisão interna de Jung foi fundamental para a sua colaboração para a psicologia e as suas obras. Jung faleceu em 6 de junho de 1961, com 86 anos. Faleceu em sua casa, que ficava as margens do lago de Zurique. Após uma vida de pesquisas e estudos da psique humana.

Influências das convivências de Jung: Segundo Silveira (1992), Jung Conviveu com Bleuler seu professor, Adler, Sigmund Freud, onde teve a repercussão histórica do rompimento e outros grandes nomes da psiquiatria. Além destes, Jung manteve contatos e trocou ideias com grandes estudiosos como Einstein, Pauli, e outros. Jung se interessava pela a filosofia, mitologia e antropologia, sendo assim, estudou os filósofos Schopenhauer, Nietzsche e Kant. Jung ainda estendeu seus estudos para a Alquimia, Mitologia, nos povos primitivos da Ásia, África e Índios Pueblos da América do Norte.

Relacionamento Jung e Freud: Segundo Silveira (1992), no ano de 1902, Jung foi para Paris, para estudar com Pierre Janet. No ano seguinte regressou para o hospital de Burgholzi. Neste, Jung assumiu o cargo de liderança onde, no ano de 1904, auxiliou na montagem do laboratório experimental, onde o teste de associação de palavras para o diagnóstico psiquiátrico. Durante este período, Jung entra em contato com Freud, em busca de conhecimento e novas informações para os seus estudos na área da psiquiatria. Jung via em Freud uma potencialidade para conhecer a psique humana. Enviou para Freud, cópias de seus trabalhos sobre a existência do inconsciente, acordando com as teorias freudianas de recalque e repressão. Diante dos trabalhos apresentados, Jung e Freud tiveram uma proximidade sobre as ideias da mente humana levando ambos em um estreitamento de suas relações. E então Freud e Jung tiveram o contato por cartas, no total 359 cartas, que foram publicadas em 1906 a 1913. De acordo com Silveira (1992), o primeiro encontro de Freud e Jung, ocorreu no dia 27 de fevereiro de 1907, neste encontro relata-se uma conversa de duração de treze horas, após este encontro, Jung e Freud estabeleceram um forte vínculo de amizade, que durou aproximadamente sete anos. Durante estes ambos trocavam cartas sobre casos clínicos, sonhos, confidências e análises. Silveira (1992) ainda descreve que apesar da identificação imediata de Jung e Freud, as correspondências trocadas, os estudos e as pesquisas sendo trocadas por ambos e, claro a amizade de ambos, não foram suficientes para assegurar esta ligação diante das diferenças fundamentais que cercaram Freud e Jung. Para Jung a teoria de Freud acerca da sexualidade e os conflitos psíquicos, a insistência em conduzir que os traumas psíquicos com natureza sexual, por sua vez, Freud não admitia que Jung fosse interessado por estudos e fenômenos espirituais, como fontes válidas para o estudo em si. Estas discordâncias foram fundamentais para o rompimento destes dois grandes pensadores da psicologia. Para Jung, o rompimento com Freud não foi de fácil aceitação, levando-o a entrar em um estado de profunda angústia e investigação interna.

Psicologia Analítica e Carl Gustav Jung: Para Silveira (1992) Carl Gustav Jung, foi sem dúvida um marco na história da psicologia, disposto a estudar de forma ampla a complexidade da psique humana, Jung se deixou abranger por diversos pontos de literatura e estudos. Ao colocar-se como fundador da psicologia analítica, Jung sempre reservou que esta, está sempre em constante modificação e transformação. Um dos conceitos básicos de Jung para o ser humano é de que tudo é aberto a mudanças e nada é fechado, dogmatizado. Jung desenvolveu vários conceitos como arquétipo e a teoria dos complexos, sincronicidade e inconsciente coletivo. As ideias de Jung se materializaram em uma produção de mais de 18 obras baseadas num estudo profundo das culturas, na alquimia, astrologia, filosofia, história das civilizações, na matemática, nas religiões ocidentais e principalmente nas culturas orientais.

Capítulo III inconsciente coletivo, arquétipos e símbolos na psicologia analítica

Jung relata que nós nascemos com uma herança de ordem psicológica, que se soma à herança biológica, ou seja, temos algo que já é existente em nós anterior a nossa convivência em sociedade e nossa experiência de vida. O inconsciente coletivo inclui materiais psíquicos que não provêm da experiência pessoal. Jung (2000) postula que a mente da criança já possui uma estrutura que molda e canaliza todo posterior desenvolvimento e interação com o ambiente. Para Jung, o indivíduo possui em sua psique o que ele considerou de inconsciente coletivo e o inconsciente pessoal, ou seja, para Jung o além de possuir um inconsciente pessoal, tem em sua estrutura psíquica um desconhecido que é de ordem coletiva. O inconsciente coletivo é formado não somente por fragmentos de ordem pessoal, individual, mas sim, de conteúdos disponíveis para todos os indivíduos. Ou seja, este inconsciente está aberto para todos os indivíduos, diferentemente do inconsciente pessoal que é exclusivo de cada indivíduo e contém diversos fragmentos de sua experiência de vida e demais informações essenciais para a estruturação do inconsciente. O inconsciente coletivo, dispõe ainda em sua característica, o que Jung chamou de arquétipo, estes são formas sem conteúdo próprio que servem para organizar ou canalizar o material psicológico. Jung (2000) declara que os arquétipos têm em sua estrutura imagens que são consideradas primordiais, e proclama que estas são frequentemente vistas em diversos povos, de diversas culturas e evidentemente de diversas épocas históricas. Sendo assim, o arquétipo age como elemento estrutural dos indivíduos, dando forma e escape para os conteúdos de conflito, fantasia ou identificação dos indivíduos. As experiências de difícil para a conciliação com consciente ficam armazenadas no que Jung (2000) denominou de Inconsciente Pessoal. Este que é detentor de todas as experiências do indivíduo, as fantasias, repressões, traumas e demais conteúdo. O inconsciente pessoal funciona como um banco ou arquivo de memória. Nele estão guardados os conteúdos que não se harmonizam com a função consciente e a individuação, experiências que passaram despercebidas ou consideradas sem importância. Entretanto, é importante observar que sempre que há necessidade, esses conteúdos têm acesso fácil à consciência.

Inconsciente coletivo: Para Silveira (1992), Jung descreve o inconsciente coletivo como o modo que nascemos com uma herança psicológica, que une com a herança biológica, onde os mesmos são essenciais no comportamento e na experiência, formando um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas por toda a humanidade. Arquétipos ou imagens primordiais, onde cada pessoa herda de seus ancestrais, nos mostra o inconsciente coletivo, que é uma lembrança de imagens latentes de acordo com Silveira (1992). O indivíduo herda uma predisposição para reagir de forma que seus ancestrais faziam porém não se recorda de forma conscientizadas imagens. Este inconsciente pode ser exemplificado pelo oxigênio, que é o mesmo em todo lugar, é respirado por todos, porém, não é pertencente a um único indivíduo. Seus conteúdos são condições ou modelos prévios da formação psíquica em geral. Para Perrone (2008) os arquétipos que estão presentes no inconsciente coletivo são simbolicamente mostrados, como mitos, crenças, religiões, etc. Podendo citar como exemplos os conceitos de: nascimento, morte, fogo, lua, sol. Onde cada conceito é desenvolvido de acordo com as experiências de cada indivíduo. Jung acreditava que cada ser humano, tinha que ter uma tarefa, uma realização pessoal, para tornar-se uma pessoa inteira e sólida. A hipótese do inconsciente coletivo é algo tão ousado como a suposição de que existem instintos. Podemos admitir sem hesitação que a atividade humana é em grande escala influenciada por instintos – abstração feita das motivações racionais da mente consciente. Quando se afirma que nossa fantasia, percepção e pensamento são do mesmo modo influenciados por elementos formais inatos e universalmente presentes, parece-me que uma inteligência normal poderá descobrir nessa ideia tanto ou tão pouco misticismo como na teoria dos instintos. (JUNG, 2000 p. 54 e 55). Independente de todas as diferenças raciais, o inconsciente coletivo seria uma expressão psíquica da identidade cerebral. Assim, Jung foi analisando os sonhos e fantasias de seus pacientes, onde o

seu conteúdo foi concebido de acordo com a combinação de padrões e forças predominantes, como os instintos e os arquétipos.

A hipótese de um inconsciente coletivo pertence àquele tipo de conceito que a princípio o público estranha, mas logo dele se apropria, passando a usá-lo como uma representação corrente, tal como aconteceu com o conceito de Inconsciente em geral. (JUNG, 2000 p.15). Segundo Jung (2000) o inconsciente pessoal diferente do coletivo é uma camada mais ou menos superficial. O mesmo denominou esta camada como inconsciente pessoal. Para Jung, há uma outra camada, uma de linhagem mais profunda e não tem origem nas experiências do indivíduo e nem em suas aquisições pessoais, esta camada Jung denomina de inconsciente coletivo. Jung divaga sobre a sua escolha da palavra coletivo: “*Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal.*” JUNG (2000). Para a psicologia analítica, segundo JUNG (2000) seu domínio do inconsciente, todos os processos psíquicos, e seus conteúdos da identidade cerebral. Assim com sua concepção neste nível, nada se existe de individual ou único nos seres humanos, todos temos os mesmos instintos e arquétipos, onde a individualidade deve ser encontrada em outras áreas da personalidade.

Arquétipos: Arquétipo é um termo que tem sua origem na filosofia da Grécia, mais especificamente em Platão e amplamente empregado no Neoplatonismo. O termo foi empregado pioneiramente por Carl Gustav Jung na Psicologia Analítica para designar os modelos inatos que servem de matriz para o desenvolvimento da psique. Os arquétipos são princípios, formas sem conteúdo. Segundo Jung (2006), eles são “vazios em si”, que serão preenchidos pelas experiências de vida de cada um. Por não possuírem uma forma, eles manifestam-se através de símbolos ou comportamentos. Dentre os principais arquétipos anunciados por Jung, estão aqueles que configuram o psiquismo: a persona, a sombra, o anima e animus e o Self. Para Jung (2006) a persona representa a forma como nos apresentamos ou somos levados a nos apresentar à sociedade. “Como seu nome revela, ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, quando, na realidade, não passa de um papel, no qual fala a psique coletiva”. Jung (1985, p. 32). A máscara é expressa por nossos títulos, ocupações, papéis, nomes que são necessários e dizem respeito a nós mesmos, no entanto, não em um nível mais profundo. A identificação extrema do indivíduo com esses conteúdos ou ainda com os complexos constelados, que Jung (2006) chamou de Inflação. A sombra expressa tendências e impulsos que podem ser positivos ou negativos e que negamos em nós mesmos. Geralmente são defeitos e impulsos que não aceitamos como sendo nossos e, portanto, projetamos em outras pessoas (JUNG, 2006). Com essa dimensão arquetípica, compreendemos que a visão de homem na psicanálise é a de um ser com tendências conflitivas (opostas), com aspectos positivos e negativos. No entanto, esse conflito não é visto como um impedimento à realização. Pelo contrário, o ser humano realiza-se pela superação do conflito, pois este o impulsiona a busca e à transcendência.

Já ao que se refere ao que Jung chamou de Anima e Animus: É uma estrutura inconsciente que representa a parte sexual oposta de cada indivíduo; Jung (2000) denomina tal estrutura de anima no homem e animus na mulher. Sobre o Self: O self é o arquétipo central, arquétipo da ordem e totalidade da personalidade. Segundo Jung (2000), consciente e inconsciente não estão necessariamente em oposição um ao outro, mas completam-se mutuamente para formar uma totalidade: o self. O self é com frequência figurado em sonhos ou imagens de forma impessoal. É um fator interno de orientação, muito diferente e até mesmo estranho ao ego e à consciência. O self não é apenas o centro, mas também toda a circunferência que abarca tanto o consciente quanto o inconsciente; é o centro desta totalidade, assim como o ego é o centro da consciência. Jung (2000) relata sobre o complexo como a conjunção de imagens e ideias que são conglomeradas acerca de um núcleo que provem de um ou mais arquétipos, que carregam em si a caracterização de uma totalidade emocional comum. Jung, ainda descreve que o complexo pode atuar

de forma autônoma da psique e assim estes seres independentes não necessitam da estrutura total da psique. Quando os complexos entram em ação, ou seja, estão atuando na psique do indivíduo, eles contribuem para o comportamento do indivíduo e são marcados por sentimentos diversos do mesmo. Eles são tão independentes que atuam quer o indivíduo esteja consciente ou não da existência do complexo atuante. Estes são úteis para a análise ampla dos sintomas neuróticos. Os complexos foram não significativos para Jung na construção da Psicologia Analítica, que o mesmo cogito em denominar sua teoria como “Psicologia Complexa”, Jung sempre se referia como o complexo, como um regente do inconsciente e os arquétipos regentes dos sonhos. Sendo assim, fica sugerido que os sonhos e outras possíveis manifestações simbólicas do indivíduo, são intimamente relacionadas com os complexos. O conceito de complexo, possibilitou Jung a interligar componentes pessoais e os arquetípicos de diversas experiências do indivíduo. Além disto, sem o conceito do completo, seria impossível expressar de modo exato como é formada a experiência no indivíduo, sem o complexo o funcionamento psíquico do indivíduo seria uma série de incidentes desconectados.

Segundo Jung (2000), os complexos do pai, por exemplo, contem não somente a imagem arquetípica de pai, ou seja, aquela imagem disponível para todos os indivíduos, compartilhando isto no inconsciente coletivo, como também um agregado de todas as imagens e interações de pai ao longo da vida do indivíduo. Sobre o complexo do ego, Jung (2000), discorre que por possuir um aspecto arquetípico, o complexo está situado no amago do ego, este tem como a história do indivíduo, o desenvolvimento da consciência e, a auto conscientização, o complexo de ego está sempre interagindo com os outros complexos existentes na psique do indivíduo, o que gera muitas vezes conflitos. Por isto, no funcionamento psíquico do indivíduo, os complexos podem a qualquer momento se dissociar e, então torna-se a personalidade dominante no ego e controlando o funcionamento deste. Um complexo, pode sim, ter a dominação do ego, como Jung descreve na psicose, ou ainda, o próprio ego ter a identificação com o complexo e ter a inflação ou possessão. Devemos também salientar que os complexos são fenômenos bastante naturais da psique humana, que se desenvolvem ao longo de experiências positivas e experiências negativas. Estes são ingredientes fundamentais para a existência da psique, desde que o ego, possa ter subsídios essenciais para conviver de forma viável com o complexo, sem afetar invasivamente na vida do indivíduo.

Símbolos: De acordo com Jung (2000), no que se refere aos símbolos, ele descreve como sendo expressões figurativas cativantes, são retratos, imagens indistintos, figuras metafóricas e enigmáticas da realidade psíquica do indivíduo. O conteúdo, ou seja, os significados dos símbolos não são óbvios, pois eles são expressados em termos únicos e subjetivos do indivíduo, entretendo eles são imagens universais. Quando os símbolos são trabalhados, ou seja, o indivíduo tem uma articulação e reflexão sobre os mesmos, eles podem ser reconhecidos como aspectos daquelas imagens que controlam e ordenam; imagens que dão significado para nossas vidas. Com isto, a sua fonte pode ser encontrada nos próprios arquétipos, por meio dos símbolos é que encontramos a expressão plena dos arquétipos. Para Jung (2000) o símbolo é uma criação do inconsciente em resposta a algum tipo de problemática consciente, ou seja, uma ferramenta usada para o equilíbrio da psique. Os símbolos não são alegóricos, senão seriam de caráter familiar, porém, são expressões de acontecimentos que o indivíduo vivenciou. Sendo o símbolo, este que funcione de alguma forma definida, ele detém a dificuldade da verbalização do mesmo. Os símbolos são expressados por analogias, o processo simbólico consiste em uma experiência de imagens e por imagens. O desenvolvimento do símbolo é compatível, com a lei da enantiôdromia, ou seja, de acordo com o princípio de que uma dada posição, eventualmente se desloca na direção do seu oposto. Assim, dá a prova da existência da compensação em ação, ou seja, a consciência que está sendo equilibrada, por um movimento originado no inconsciente. O processo simbólico tem o seu início com o indivíduo sentindo-se paralisado, suspenso, poderosamente obstruído na busca dos seus objetivos. E conclui com uma elucidação,

capacidade de avançar em um curso modificado. Jung (2000), define que o que une os opostos participa dos dois lados, podendo facilmente ser julgado ser de um lado ou de outro, contudo, se assumimos uma outra posição, iremos simplesmente reafirmar a oposição. O próprio símbolo nos presta auxílio, pois, pode não ter lógica, porém contém a situação psicológica em questão. Sua natureza paradoxal, representando o terceiro favor ou posição que não existe na lógica, porém, fornece uma perspectiva a partir da qual, pode-se fazer uma síntese dos elementos opostos. O símbolo quando confrontado com esta perspectiva, proporciona ao ego uma liberdade para exercer a reflexão e a escolha. O símbolo não é um ponto de vista alternativo, uma nova opção, ele atrai a nossa atenção, para uma nova visão que se compreendida amplia a personalidade existente, além de solucionar o conflito.

“Aqueles conteúdos conscientes que nos dão uma chave para o substrato inconsciente são chamados por Freud incorretamente de símbolos. Entretanto, não são símbolos verdadeiros, uma vez que, de acordo com sua teoria, têm eles meramente o papel de sinais ou sintomas dos processos subliminares. O verdadeiro símbolo difere essencialmente disso e deveria ser compreendido como uma ideia intuitiva que ainda não pode ser formulada de outra forma, ou de uma melhor forma.” (CW 15, parág. 105).

Capítulo IV a psicologia analítica e o movimento grunge: Visto anteriormente as descrições sobre o histórico do movimento musical grunge e uma breve investigação sobre psicologia analítica, podemos nos questionar quais seriam os possíveis pontos de encontro entre estes dois assuntos. Avaliando o comportamento humano, sempre temos a psicologia como uma base de conhecimento para a ampliação da compreensão dos significados do complexo da psique humana. Dentre isto, temos tais componentes na psicologia analítica que nos dão respaldo para uma investigação e compreensão do período no qual o movimento grunge surgiu nos Estados Unidos e na sua expansão mundial. Sobre seus elementos característicos e compreender de forma mais assertiva acerca de movimentos musicais de jovens. Como podemos observar, Jung possui elementos fundamentais em sua teoria para a compreensão da arte que foi expressada através da música de Seattle no período de 1985 até 1995. Alinhamos o que possuímos na psicologia analítica para expandir nossa visão e compreensão com os movimentos musicais como um todo.

Arquétipos e o movimento Grunge: Como foi visto anteriormente o arquétipo é parte do inconsciente coletivo e pessoal. Os arquétipos, são conjuntos de imagens e conteúdos de origem primordial da espécie humana. Indeterminado e indefinível. Quando estamos citando este ponto da teoria de Jung, temos que levar em consideração que o arquétipo está em disponibilidade de todos, ou seja, não é algo privilegiado que categoriza o acesso por etnia, cultura ou localização. Estas imagens primordiais, podem ser exemplificadas quando citamos sobre os mitos usados na antiguidade. Conhecer sobre os arquétipos é fundamental para a compreensão das crenças e valores da sociedade, sendo que, esta tem a tendência de agrupar e associar os elementos presentes na mesma. Segundo Mark e Pearson (2001), estes agrupamentos de elementos da sociedade são atrativos para os grupos sociais devido a corporificação dos arquétipos presentes nessas categorias. Os arquétipos estão presentes na sociedade e em todos os tipos de cultura, estes são como dispositivos de encontro de indivíduos que compartilham da mesma imagem arquetípica. Isto é comumente utilizado no marketing e na elaboração de marcas, pois, profissionais destes ramos utilizam-se do conhecimento de arquétipos e símbolos da psicologia analítica para acionar seus produtos e suas marcas. Com o objetivo de unificar determinados consumidores com determinadas características, a indústria utiliza o arquétipo para colocar-se diante da sociedade e assim consagrar seus objetivos e conquistar os indivíduos selecionados pela a marca e/ou empresa. O Arquétipo, como está disponível para todos, une os indivíduos quando é identificado pelos mesmos. Criando assim, uma conexão com o provedor do arquétipo, este pode ser um signo, um símbolo ou ainda uma expressão de arte. Uma fonte com a identidade arquetípica corresponde-se diretamente com a matriz da psique profunda do

indivíduo, proporcionando a ativação do sentimento de reconhecimento e significado do que está gerando o arquétipo.

Sobre a ação do arquétipo no indivíduo os autores divagam: “*As Imagens arquetípicas sugerem a realização dos mais básicos desejos e motivações humanas, liberando emoções e anseios profundos.*” (Mark e Pearson, 2001). Quando estamos diante do arquétipo e estes processos ocorrem na nossa psique, estamos inconscientemente entrando em contato, revivendo, momentos críticos e significativos das nossas experiências vividas. Esta atividade psíquica promove para a indivíduo a vivência das necessidades e motivações internas. Para Mark e Pearson (2001), a maioria dos indivíduos nos tempos atuais, anseia a ser pertencente a um grupo a ter um acolhimento, ter o sentimento de pertencente e reconhecimento grupal. Porém, ao mesmo tempo os indivíduos possuem o sentimento e o desejo de serem individualizados, ou seja, de não serem simbióticos ao um determinado grupo mantendo a sua singularidade. Estes sentimentos opostos, geram conflitos internos nos indivíduos que sentem o desejo de ser pertencente a um grupo, porém, deseja ser individualizado. Apesar da dualidade de sentimentos, é unânime a necessidade de segurança e estabilidade para os indivíduos. O movimento grunge segundo Henderson (2010), aconteceu de forma onde os jovens de Seattle se identificaram com o raciocínio e o sentimento presente. Estes grupos de jovens com dificuldades de relações sociais, separação de pais, excluídos do grupo dominante da época por razões que variavam de físicas, financeiras e sociais. Isolados geograficamente no estado de Washington nos Estados Unidos, mantinham em si o sentimento de exclusão por completo, caracterizados pela a não compreensão e a revolta, surge então necessidade de proclamação de algo novo. Eis que esta expressão de desejos e sentimentos dos jovens, encontrou o seu escape na musicalização de seus profundos sentimentos de dor e incompreensão, presentes na sociedade. Estas características presentes nos jovens foram significativa para a expansão mundial do movimento grunge, onde independente de cultura e localização, ocorreu a identificação com a expressão música, corporal e visual dos músicos de Seattle. Eis então, que apresenta-se um movimento que abrangue uma população que dispunha de características, sentimentos, desejos, necessidades semelhantes. E por meio da musicalização da experiência vivida por este grupo, foi possível a expansão mundial abrangendo jovens diferenciados que se identificaram com o profundo sentimento provocado pela música e demais fatores pertencentes ao movimento grunge.

O arquétipo do Fora da Lei: De acordo com Mark e Pearson (2001), este arquétipo é conhecido também como o anti-herói, ou ainda, revolucionário. Detentor de qualidades que são desdenhadas pela a sociedade, o fora da lei tem a sua expressão na liberação das paixões e desejos reprimidos da sociedade. Quando este arquétipo está presente os indivíduos tem consciência ampliada para os limites que são impostos pela a sociedade e a exclusão que ela prolifera para os que não são adequados a tais termos de aceitação. Este arquétipo, o fora da lei, está adiante do contexto social, provendo o sentimento e a premissa de revolução, ou podem também, impor diante dos demais na ameaça da premissa contida em si. Este arquétipo tem ainda em si, a capacidade de prover características, valores e próprias existentes na cultura que ele é ativado, fazendo com que elas surjam novamente. Já para Vogler (2006), que caracteriza o fora da lei, com a denominação de anti-herói, determina que este nada mais é do que a sombra do herói propriamente dito. Um arquétipo que não é aceito em sua sociedade, pode se marginalizado e estigmatizado como um vilão. Porém, as atitudes deste podem causar comoção nos demais, pois este cria uma conexão com o indivíduo, pois demonstram um incrível senso de liberdade, elaboram a exclusão da sociedade com resquícios de ironia e sarcasmo, apresentando muitas vezes pontos sombrios da própria sociedade com caráter crítico as mazelas proferidas pelas normas impostas. De forma muitas vezes solitária, o anti-herói ou fora da lei apresenta uma postura de segurança e inteligência. Utiliza-se das brechas da sociedade para devolver à ela a exclusão e exteriorização sofridas por ele. O fora da lei, age contra as regras, independente para ações consideradas benéficas ou malélicas.

Uma característica apresentada deste arquétipo é a figura segura de si mesma, quanto que a imagem do herói, duvida muitas vezes da sua capacidade de concluir o objetivo. O fora da lei aceita suas características que o distanciam do acolhimento do grupo social e cria para si uma nova forma de visualizar tais características. Astuto e de ações elaboradas, o fora da lei age basicamente para causar modificações na sociedade mesmo não sendo aceito por ela. Segundo Michael Azerrad (1994), como observamos anteriormente, os jovens que foram provedores do movimento grunge e depois os adeptos de tal movimento, continham além de histórias de vidas, sentimentos, desejos e dores semelhantes, tinham em seu comportamento e suas expressões características relatadas na descrição do arquétipo do fora da lei, levando a ampliar a nossa compreensão na conexão arquetípica que ocorreu com os jovens daquela época através da música, expressão visual e ideologia “*Vá e faça. Faça você mesmo, mesmo que você não saiba e ninguém irá prestar atenção*” (Kurt Cobain, 1992).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao início do processo de pesquisa deste trabalho, a expectativa era de encontrar novas formas de compreender o que ocorreu no período de eclosão do movimento grunge. Porém, o resultado foi bem mais gratificante e positivo que tal expectativa inicial. A obtenção de conhecimentos científicos sobre o movimento grunge e toda a cultura social que se apresentava na época, enriqueceu imensamente o que já era de conhecimento, acrescentando um novo olhar sobre o que foi tal movimento musical. Na década de 80, os Estados Unidos estavam sendo consumido pela a nova era da tecnologia e o consumismo aumentava significativamente na sociedade americana. O cenário musical estava repleto de música pop e seus ícones magnéticos. Após o período da Guerra Fria, o país se via em uma nova geração, a geração X. Que se mesclava com as anteriores e transmitia que mudanças e uma perspectiva diferente estava desapontando no final da década. Os Yuppies era a imagem do sucesso e objetivo de todo jovem rapaz: ter carros esportivos, roupas de grifes, celulares e uma grande carreira profissional. Imagem que foi impressa massivamente pela a mídia e pela a sociedade. Impregnada na visão de sucesso e felicidade da população. Porém, como Jung sempre apontou coerentemente, a polaridade é um fato. Diante de uma persona, temos uma sombra. Diante do dia temos a noite e assim por em diante, visto que os Yuppies eram o que todos os jovens gostariam de ser para saciar a sua busca incansável pelo modelo de felicidade estampados nas revistas, existiam os jovens que jamais poderiam adquirir tal aparência, carreira profissional, bens materiais e até mesmo o comportamento dos Yuppies.

Uma classe de jovens, que passavam pelo começo do que seria comum aos dias de hoje, porém, nas décadas de 80 e 90, a separação dos pais era algo muito incomum e foi crescendo conforme os anos. Diante a sociedade, não era bem visto uma família não ter os dois pontos matriciais de pai e mãe. As crianças e jovens destas décadas tiveram que aprender a lidar com a desmembração de seus familiares e iniciar uma rotina nova. Brigas judiciais pela guarda dos filhos, a dificuldade da comunicação familiar em discorrer sobre o assunto com os filhos e esclarecer pontos importantes para a criança que está em processo de separação dos pais. O isolamento geográfico de Seattle, combinado com o clima bucólico acompanhado de intensas e quase que interruptas chuvas. Abriava jovens que estavam passando pela a frustração de não serem os Yuppies de Nova Iorque. Além desta frustração, a difícil missão de lidar com a separação dos pais e toda a angústia, tristeza, sentimento de culpa deste processo. A dificuldade da rejeição dos pequenos grupos sociais que são formados no período escolar. A exclusão por diversos motivos: Aparência física, situação familiar, situação financeira, bens materiais, comportamentos. Salientando que neste período dos anos 80 e anos 90 a cultura sobre a expressão de sentimentos, o conhecimento sobre como ajudar o jovem a lidar com os processos de mudança na adolescência não se aproximam dos que são divulgados e praticados atualmente. As expressões de dor e o sofrimento que estes jovens passavam diariamente, foram de certa forma o impulso para a

expressão destes sentimentos em forma de músicas. Músicas com letras melancólicas, depressivas e sempre com a depreciação da auto estima. Refletia-se na música, todo o sentimento que aqueles jovens estavam passando, toda a dor e os transtornos causados pela a exclusão social. Jovens a margem da sociedade, com qualidades desprezadas pela a mesma. Vivendo sua dor de não ser pertencente aos grupos sociais. Do pouco tempo que as bandas começaram a gravar suas músicas até o sucesso mundial do Nirvana, muitas pessoas se identificaram com os jovens que apresentavam um comportamento impetuoso, livre e de despeito aos padrões sociais. Com seus cabelos bagunçados, roupas xadrez e calças rasgadas. O total desapego aos bens materiais e repulsa pelo consumismo desenfreado que acontecia nos Estados Unidos. Críticas ao governo e as mazelas sociais. O comportamento irônico e a forma de deboche aos padrões da sociedade foram ingredientes essenciais para caracterizar o que seria o Grunge. O Sujo, aquele que não está aprovado para participar de nenhum grupo social e, assim como um anti herói ou até mesmo um fora da lei, cria para si o seu grupo social, porém, diferente do que está eleito para a sociedade. Temos uma forma de divulgação muito eficaz e muito profunda, a música. Onde milhares de jovens sentiram-se como descritos pelas as letras depressivas e a melodia agressiva que soava das bandas de Seattle.

Vogler (2006), cita como exemplo para o anti-herói ou o fora da lei, o personagem Robin Hood, este que tem sua pequena comunidade e sua forma de viver. Suas leis e seus valores. Os Grunges construíram de alguma forma pensamentos e valores semelhantes entre si. Como a repulsa pelo consumismo, a exclusão dos indivíduos estigmatizados, a necessidade de ir além do superficial e estar em contato com aquilo que é profundo. A música representa muito bem as ideias que este movimento embarca. Pela a minha vivência, um dos pontos mais significantes do Grunge como o todo, é o fato de aceitação. Aceitar a si mesmo e os outros. O fato destes terem a capacidade de acolherem até a própria dor e mergulharem fundo em seus traumas. É possível verificar o quanto os Grunges estão à margem da sociedade. Diante aos demais sub grupos do rock, os grunges são apontados como músicos ruins e muitas vezes não são considerados como talentosos e respeitáveis. Apesar de terem se passados mais de 25 anos da explosão do Movimento Grunge, percebo o arquétipo do fora da lei muito presente nas apresentações musicais e nos encontros de indivíduos adeptos ao estilo musical. Pois é este que realiza a interligação e a motivação para os indivíduos manterem o movimento. A identificação com o arquétipo e a semelhança de histórias de vida dos indivíduos grunge, emerge como um acolhimento, uma liberação da repressão sofrida pelos padrões sociais. Acredito que é necessário a investigação de muitos movimentos musicais, estilos musicais e grupos sociais. Pois ao atentar-se aos pequenos podemos descobrir que existe muito mais do que o preconceito que é difundido pelos meios midiáticos e culturais. A expressão artística é a forma de comunicação mais significativa que temos, pois esta pode ser universal e indiferente de cultura. O que provoca sentimentos em um indivíduo, no mínimo, é devido respeito. Pois, compreender que existem diferenças e que estas não são somente negativas, pois, novamente a polaridade é fato, sempre há positividade em movimentos que promovem a expressão por meio da arte. Os arquétipos são indicadores de que existem características que temos e podemos nos identificar e aderir para expressar os nossos sentimentos e impulsos. Estão disponíveis no inconsciente coletivo e no individual, agindo na psique. E isto, deve ser observado quando temos grandes manifestações de uma geração, pois isso indica que existem pontos importante para a psicologia investigar e assim, podemos dizer que, algo novo está por vir.

E termino minha conclusão, com a resposta de uma pergunta que vem ao longo dos anos, quando estamos citando o Grunge: “*Grunge is dead?*”.

O Grunge não morreu por que é uma música ruim e mal feita como é dito por adeptos de outras vertentes do rock, mas sim, porque ele foi consumido por aquilo que o mais feriu, a sociedade e sua fome se consumo. Assim como a sociedade e o capitalismo construiu a dor e o sofrimento dos jovens grunges provocando uma expressão de arte

jamais vista antes, ela também teve a capacidade de distorcer o objetivo simples de tentar ser ouvido e quem sabe: ser amado. O grunge não morreu, pois ainda temos muitos jovens que estão passando por dores semelhantes, os arquétipos estão presentes no inconsciente coletivo, amparando os indivíduos para lidarem com suas dores. E enquanto houver exclusão, humilhação social, o grunge estará vivo para acolher quem se sente um sujo demais para a sociedade.

REFERÊNCIAS

- A Energia psíquica. Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1927), 2000.
- ARAÚJO, F. (15 de Janeiro de 2006). Grunge. Acesso em 20 de Março de 2014, disponível em Info Escola: <http://www.infoescola.com/musica/grunge/>
- Arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1951), 2000.
- BARBA, P. (27 de Abril de 2011). Grunge: de Seattle para o mundo. Acesso em 20 de Março de 2014, disponível em Pós Barba: <http://posbarba.blogspot.com.br/2011/04/o-ultimo-grande-movimento.html>
- BARBOSA, L. . Sociedade de Consumo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BARCINSKI, A. O doce cheio do Sucesso. *BIZZ - 5561 - ANO 08 - Nº 03 - EDIÇÃO 80*, 20-26, 1992.
- BARCINSKI, A.. BARULHO: Uma viagem pelo underground do Rock Americano. São Paulo: Editora Paulicéia, 1992.
- BENNETT, A. Popular Music and Youth Culture: music, identity and place. Nova York: McMillian Press, 2000.
- BIVAR, A. O que é punk? São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CAMPBELL, Joseph. O Herói de mil faces. 4 Ed. São Paulo, Pensamento, 1995. (Mark, et al., 2001)
- COUPLAND, D. Geração X: Contros para uma Cultura acelerada. São Paulo : EditorialTeorema, 2009.
- DE MASI, D. A sociedade pós-industrial. São Paulo: SENAC, 1999.
- DESSEN, M. A. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicol. cienc. prof. vol.30 no.spe Brasília*, 2010.
- FEATHERSTONE, M. Cultura de Consumo e Pós-Modernismo. São Paulo.: Livros Studio, 1995.
- FRITH, S. Performing Rites – *On the Value of popular Music*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1996.
- HENDERSON, J. Grunge Seattle. Berkeley, California: MusicPlace series, 2010
- HERMETO, C. M., & MARTINS, A. L. O livro da psicologia. São Paulo: Globo, 2012.
- JACOBI, J. *Complexo Arquétipo Símbolo na Psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Cultrix. 1990.
- JANOTTI, J. Aumenta que Isso aí é Rock and Roll. Rio de Janeiro: E-Papers, 2013.
- JONES, A. O sucesso é uma Merda. *BIZZ - 5561 - ANO 09 - Nº 12 - Editora Azul*, 34-39, 1994.
- JUNG, C. G.. O homem e seus símbolos / *Carl G. Jung...[et al]; concepção e organização Carl G. Jung* . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- LINDQUIST, M. Seallte, onde? *ZERO - Nº 1 - Pool Editora*, 10-18, 2002.
- LOIOLA, R. Geração Y. *Revista Galileu*, 50-53, 2009.
- MENDES, V., & HAYE, A. d. A moda do século XX . São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MOREIRA, M. (10 de Janeiro de 2011). *20 anos de grunge: o rock não merecia descer tão baixo*. Acesso em 20 de Março de 2014, disponível em Combate Rock: http://blogs.estadao.com.br/combate_rock/20-anos-de-grunge-o-rock-nao-merecia-descer-tao-baixo, 2011.
- MUGNAINI, A. J. Eddie Vedder & Pearl Jam Geléria "Grunge". *Metal Massacre - Nº 3 - Editora Escala*, 30-37, 1993.
- Mysterium coniunctionis. Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1954), 2000.
- O' NEILL, B. Alice in Chains - A grande virada no lollapalooza. *Rock Brigade - Ano 12 - Volume 16*, 12-13, 1993.
- OLIVEIRA, S. Geração Y: Era das Conexões, tempo de relacionamentos. São Paulo: Clube de Autores, 2009.
- OROZCO, M. Kurt Cobain: Fragmentos de uma autobiografia. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.
- Prática da psicoterapia. Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1957), 2000.
- PRAY, D. (Diretor). Hype! [Filme Cinematográfico], 1996.
- Rockstar na Contramão. *BIZZ - 5566 - ANO 10 / Nº 4 - Edição 105*, 40-41, 1994
- RONDEAU, J. E. (1994). Silêncio em Seattle. *BIZZ - 5566 - ANO 10 / Nº 4 - Edição 105*, 36-39. 1994.
- SCHNACJ, A. (Diretor). *Kurt Cobain About a Son - Retrato de uma Ausência* [Filme Cinematográfico], 2006.
- Símbolos da transformação. Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1924), 2000.
- STANLEY, L. (Setembro de 1993). Alice in Chains - A grande virada no Lollapalooza. (B. O' NEILL, Entrevistador), 1993.
- STEIN, M. Jung: O mapa da alma: Uma introdução. São Paulo: Cultrix, 2006.
- TARDOQUE, A. C. (23 de Outubro de 2010). Grunge: uma reflexão sobre o "anti-movimento". Acesso em 20 de Março de 2014, disponível em Whiplash: <http://whiplash.net/materias/biografias/168834-nirvana.html#Uw-6H-NdUZY>, 2010.
- The Collected Wörksof C. G. Jung, traduzidos para o inglês por R. F.C. Hull, editados por H. Read, M. Fordham, G. Adler e Wm. McGuire. Princeton: Princeton University Press, Bollingen Series XX, volumes 1-20.
- VEDDER, E. (Outubro de 1994). Pearl Jam - Eddie Vedder está pirando. (A. JONES, Entrevistador), 1994.
- VOGLER, Christopher. A jornada do escritor. 2 Ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.
- WOODWARD, F., PEINE, B., & NÓBEGRA, D. Cobain dos editores da Rolling Stone. São Paulo: Spring Publicações, 2009.
